

DA CULTURA

GARCIA DOMINGUES

FARO, 1955



II

Para EDUARDO ANTONINO PESTANA
de
JOSÉ GARCIA DOMINGUES

*A Sua Excecellencia Reverendissima
o Sr. Bispo do Algarve,
testemunho de respeito e
filial submissão*

Jose Garcia Domingues

DA CULTURA

ESBOÇO BREVE DUM ENSAIO
SOBRE O PROBLEMA DA CULTURA



GARCIA DOMINGUES

FARO, 1933

DUAS PALAVRAS Á MANEIRA DE PREFÁCIO

A pequena oração que segue foi pensada e escrita no curto espaço de 6 horas, não dispondo o autor sequer, nesses momentos, daquela serenidade de espírito que é a indispensável condição do trabalho intelectual.

Sirva isto de desculpa para todas as imperfeições que nela se encontram

Lida em Portimão, no dia 4 de Fevereiro de 1933, na sessão inaugural do Liceu Infante de Sagres, não teria pensado em a editar. O pedido dum amigo cujos conselhos tomo como ordens leva-me a, contrariando os meus próprios desejos, dar-lhe a luz da publicidade.

Nêste trabalho procura-se definir uma posição nova do problema da cultura. Não a consegui iluminar em todas as suas faces. Resta-me apenas a satisfação de ter procurado um caminho fóra do comum; se não consegui originalidade pelo menos talvez tivesse despertado de passagem algumas sugestões interessantes.

Está nestas palavras a explicação do livro.

O AUTOR

Faro, 18 de Fevereiro de 1933

O ACTO que estamos solenemente festejando tem um significado que vai muito além do das costumadas sessões solenes.

Queria pôr em relêvo êsse significado, manifestar patentemente a sua verdade e a verdade das bases nas quais se sustenta.

Pensou-se durante muito tempo e em virtude da insistente propaganda democrática que só a democracia podia defender com brilho e com inteligência, a causa da cultura.

A remodelação política que a sociedade portuguesa sofreu com o advento da Ditadura Nacional foi interpretada por muitos como a vitória dos bárbaros que com tão pouca delicadeza iam desmoronar o edifício da cultura, o claro e harmónico palácio da deusa Razão.

Dizia-se que o movimento libertador de 28 de Maio tendo criado uma mística da violência não poderia facilitar o desenvolvimento da cultura intelectual.

Os factos porém dia a dia têm vindo demonstrando precisamente o contrário.

E, a sessão a que estamos assistindo invalida completamente pelo seu significado essa interpretação falsa, de tal maneira que desde já prevemos o dia em que tendo surgido claramente o espirito da politica da Ditadura será possível constituir uma nova cultura perfeitamente de harmonia com a tradição e no entanto pelo seu elan interior como pela sua expressão, duma novidade flagrante, duma profunda originalidade.

Estudar as condições intellectuais da vida portuguesa, analisar criteriosamente todas as suas possibilidades criadoras tem sido de há muito o meu preferido trabalho. E se não posso apresentar aqui, nem todas as premissas dêsse trabalho, nem a sua justificação documental, nem as conclusões definitivas a que tenho pouco a pouco chegado, expostas duma maneira racional, afirmarei no entanto que dêle recolhi explêndidos ensinamentos, baseados numa sólida experiência.

Criando o Liceu Infante de Sagres que neste momento se está inaugurando, a Ditadura Nacional quiz testemunhar o seu interesse pelos problemas da cultura entre os quais se encontre com vulto singular o da difusão da instrução secundária.

Não se poderia manifestar mais claramente a confiança no futuro da Nação do que fomentando pela criação de pequenos núcleos de ensino, o progresso das idéas e a formação intelectual dos espíritos.

A fundação deste Liceu como a de outros já hoje a funcionar, significa que a Ditadura compreende perfeitamente o seu destino e tem a consciência nítida da sua missão histórica.

Que sob a alta direcção do Sr. Ministro da Instrução, o ensino português continúe a seguir pelo caminho traçado e a grande reforma da intelligencia poderá ser levada a efeito segura e firmemente.

Outra coisa não desejamos nós, atiradores livres, que seguem passo a passo a evolução da sociedade portuguesa e procuram por todas as formas uma integração cada vez mais perfeita na alma da Raça, que é a alma à qual nós todos pertencemos e da qual não temos o direito de nos afastar um só momento que seja, sem crime manifesto para com o espirito da colectividade.

Porque, a Nação é uma pessoa moral e o crime cometido contra a Nação é sempre duramente punido.

Atendendo aos fundamentos ontológicos da Nação a nova cultura deve ser orientada adentro de principios rígidos que sejam ao mesmo tempo um elan forte e sadio de simpatia social, não daquela simpatia que é feita apenas de comiseracção, mas da que se baseia no poder creador da virtude e da possibilidade de indefinidas realizações de valores.

Sou assim conduzido insensivelmente, pelo fluir natural das idéias ao problema central da moderna filosofia, o problema da cultura, na sua relação com a imagem do homem.

Permiti que sob tema tão vasto e grandioso eu manifeste algumas das minhas idéias elaboradas por um longo esforço de abstracção, mas sem nunca ter abandonado o terreno objectivo dos factos.

CONSIDERAÇÕES GERAIS
SOBRE O PROBLEMA
DA CULTURA

O problema da cultura não se encontra isolado no conjunto dos problemas filosóficos.

É um dos que mais imediata referência têm à perspectiva fundamental da filosofia. — Sintetisa-se a cultura na ordenação intelectual do saber. — Todo o grande pensamento filosófico na medida em que cria um sem número de escolas que dele vivem constitui já de certa maneira uma cultura.

Mas esta designação abrange igualmente o aglomerado de doutrinas filosóficas que mantendo entre si estreitas afinidades, ou por versarem os mesmos problemas, ou por terem encontrado soluções idênticas ou ainda por adoptarem métodos semelhantes, aparecem num todo indissolúvel quando comparadas com outras formações intelectuais.

A unidade da cultura vem da unidade do espírito.

Enquanto nos esforçamos por reduzir a uma só forma pela única energia da inteligência os aspectos diversos que a cultura nos apresenta através das suas múltiplas manifestações históricas, encontramos sempre uma barreira intransponível contra a qual se luta inglóriamente.

É necessário abandonar o domínio da inteligência para se determinar a unidade e o sentido da cultura. É isto significa que entre as culturas se nota uma descontinuidade, não metafísica, como alguns são levados a pensar, mas histórica; descontinuidade profunda que ocasiona a transformação completa do sentido na passagem duma para outra cultura.

Versar o problema da cultura é descrever as diferentes formas históricas que tem apresentado, analisar os princípios permanentes que supõe, e definir duma maneira tanto quanto possível exata a finalidade e a significação expressional da cultura que hoje revela um mais alto sentido do espírito do pensamento e do mundo.

Antes de prosseguir na exposição narrativa do problema considerado nos seus dados elementares, algumas observações são necessárias para uma mais perfeita inteligência do tema que desejo desenvolver. Na sua forma actual o problema da cultura apresenta modalidades absolutamente novas.

Baseia-se numa nova concepção do espírito e isto basta para que manifeste uma original significação.

Mas, não é somente pela sua significação que o problema se nos depara com novidade. Pela sua origem tem também qualquer coisa de original, pois possui novas raízes.

Podemos definir melhor a nova posição cultural afirmando que a novidade do problema se encontra principalmente numa mudança radical condicionada por uma completa transformação da atitude espiritual do homem.

Estudando o pensamento europeu nas suas diversas expressões, desde o racionalismo de Brunschvicg ao emocionalismo de Scheler, desde o intelectualismo tomista de Maritain ao cientismo de Husserl e às doutrinas intuicionistas de Bergson, desde a crítica idealista de Gabriel Marcel até ao logicismo de Russel e ao evolucionismo de Whitehead e tendo relacionado todas estas doutrinas filosóficas tomando em conta a natureza, o tempo e o meio, fui pouco a pouco, conduzido à conclusão de que o pensamento não era absolutamente independente da vida e para ser compreendido no seu verdadeiro sentido o devíamos considerar em função da acção, dum modo muito particular na sua significação espiritual.

A ideia mais alta que o pensamento pôde atingir é a ideia de ordem.

E sobre este fundamento se constitui a lógica.

Mas nas diversas manifestações da energia evolutiva que atravessa o mundo, a ordem nunca se manifesta em toda a sua luminosidade, em toda a sua beleza.

A inteligência humana tem o presentimento duma ordem universal; no entanto o que constitui a garantia desta ordem é o sentimento moral.

A ordem do universo nasce da ordem do espírito.

E' o espírito no seu perpetuo desejo de realização e criação que faz despontar a ordem da inteligência.

Desta forma a inteligência aparece como uma manifestação do espírito.

Todas as teorias que pretendem reduzir o espírito humano à *razão* e explica-lo por esta, encontram-se numa atitude anterior a toda a experiência espiritual. A grande tragédia do homem moderno resulta do desconhecimento do seu posto no cosmos. E o problema da cultura não pôde ser resolvido enquanto esta posição não fôr definida rigorosamente.

A IMAGEM DO HOMEM

A imagem do homem encontra-se quebrada.

Não existe uma imagem do homem perfeita capaz de satisfazer completamente o desejo de forma que se manifesta nas profundezas mais íntimas da consciência.

Há no pensamento ocidental tres circulos de ideias que procuram definir o conceito do homem na ordem geral da criação. Mas qualquer dessas ideias se encontra limitada por uma visão do mundo que de per si é já hoje insustentável e por isso a definição conceptual que nos apresenta não póde ser admitida.

Em primetro lugar a tese hebraica de Adão e Eva, depois consideravelmente melhorada pela filosofia escolástica que deu um complemento singularmente interessante interpretando-a adentro da concepção aristotélica do mundo.

Vem em segundo lugar a tese racionalista para a qual a espezifação do homem é feita pela razão, *logos, ratio, mens...*

A individualidade e dignidade do homem estariam, a supôr verdadeira esta tese, na faculdade de apreender directamente o real e de o explicar racionalmente. Dá-se vulgarmente a esta ideia do homem o nome de clássica.

Prefiro chamar-lhe racionalista, pois é a razão o seu fundamento e na ambiencia do racionalismo europeu é ela a que em grande parte domina e impera.

Temos em último lugar a tese evolucionista elaborada pela ciência moderna, e devida em parte à psicologia genética, em parte aos sistemas mecanicistas da natureza.

O homem representa na tese evolucionista o elo final duma inextrincavel cadeia de gerações cujo início se perde nas origens misteriosas da vida.

E assim do animal ao homem não há solução de continuidade. A diferença é meramente externa.

Reside numa múltipla complicação de processos e faculdades que tornam o homem muito mais hábil que o animal, na luta contra o meio.

Esta doutrina seria apenas admissível para determinados exemplares da especie humana.

De facto entre um tipo de Ford e um macaco superior pouco mais deve existir do que uma diferença de grau na inteligência prática.

Através destas várias concepções, a imagem do homem perde-se. Não há pois uma imagem do homem definida que corresponda á actual representação do mundo.

Temos uma concepção bíblica do homem, temos uma concepção filosófica, temos uma outra concepção, científica, mas como diz Max Scheler: *não possuímos uma ideia unitária do homem.*

Como determinar essa ideia unitária do homem, fundamento de toda a cultura, exigência máxima do espírito moderno?

Vinda do fundo das idades recorda-me agora a sentença dum doutor medieval, Angelo Silésio: *Homem, volta-te para a essência, despreza a aparência, porque ainda que a aparência desapareça, permanecerá a aparência, mas permanecerá a essência.*

Todavia, que é a essência como a entendia Angelo Silésio?

Na filosofia racionalista da Europa tal noção não tem cabimento.

Haverá no entanto aqui qualquer coisa de novo que mereça a nossa atenção e nos obrigue a uma revisão de valores?

Empregando esta expressão, revisão de valores, julgo ter manifestado uma das ideias que no momento actual mais se impõem.

Se não se começa por uma revisão de valores, arriscamo-nos a nos não compreendermos no dia de amanhã.

E nesta revisão de valores a primeira coisa que urge refundir é a clássica teoria do conhecimento que confere à razão poderes ilimitados e nega o valor de todo o conhecimento que se não explique á face da inteligência.

Uma vez legitimada a teoria da intuição o problema do homem surge nos com aspectos absolutamente inéditos e a sua solução imediata e claramente se divisa.

Mas, sem desde já abandonarmos o problema do homem moderno, antes procurando definir circunstanciadamente a sua posição no universo passemos a analisar o problema da essência.

Qual é a característica dominante do homem, a sua essência?

Deixemos essa antiquada perspectiva aberta no pensamento europeu pela escola filosófica que se estende

de Darwin a Khöler, passando por Lamarck e segundo a qual o homem devia ser considerado adentro da escala dos seres animais, sem qualquer distinção específica.

Abandonemos também, por incongruente, a opinião daquêles que, como Descartes, dão ao homem por característica essencial a inteligência, recusando-a totalmente aos animais.

Uma sã teoria do homem deve procurar a sua essência num princípio superior que servindo para o distinguir no reino da criação lhe dê a intuição das supremas realidades.

A análise psicológica realizada pelo método da redução fenomenológica leva-nos á conclusão de que êsse princípio é o espirito, entendendo por espirito a força primária do pensamento, da afeição e da vontade. Onde o espirito melhor se revela é na personalidade que Max Scheler define—*o centro activo em que o espirito se manifesta dentro das esferas do ser finito*.

A doutrina da personalidade pela sua profunda significação religiosa é uma das mais interessantes do pensamento católico e opõe-se categoricamente á doutrina individualista.

Enquanto o individualismo sustenta uma concepção atomística do homem, o personalismo funda-se numa ideia organológica.

Todos os grandes teóricos e doutrinadores católicos reconhecem como fundamental a ideia da personalidade espiritual.

Invoquemos em primeiro lugar o depoimento do doutor angélico, Santo Tomás d'Aquino.

Define S. Tomás na Summa Theologica:—*Persona significat id quod est perfectissimum in tota natura*.

E Jacques Maritain, que agudamente expôs um paralelo do individualismo e do personalismo nos «Trois Réformateurs» conclui:—*La Cité chrétienne est aussi foncièrement anti-individualiste qui foncièrement persoliste*.

Na luta em que andamos empenhados contra o individualismo, é necessário que se acentúe mais claramente a doutrina da personalidade.

Por agora basta que fique estabelecido que a doutrina da personalidade é essencial para a constituição da imagem do homem.

O PROBLEMA DA MO- DERNA CIVILIZAÇÃO



Determinada a essência do homem pela doutrina da personalidade espiritual principiámos por êsse mesmo facto a definir a posição do homem no cosmos.

Analisemos seguidamente o homem em função do problema da civilização moderna, em relação à actual sociedade considerada na sua evolução histórica.

A época à qual nós pertencemos não tem relação imediata, no ponto de vista espiritual, com a que a precedeu. Entramos hoje num mundo totalmente novo que temos de edificar corajosamente se o não queremos vêr destruído no momento mais inesperado. Como diz N. Berdiaeff que assistiu á derrocada da sociedade russa e poudo apreender o sentido das convulsões sociais que deram origem ao Estado bolchevista: — *o ritmo da história muda, torna-se catastrófico.*

A Grande Guerra pôs fim ao humanismo renacencial; por essa razão desapareceram a democracia e o socialismo que nêle se baseavam. Quer queiram quer não, o facto é que, como afirma ainda o inspirado autor de «A Nova Idade Média»: *nós assistimos ao fim do Renascimento.*

E que significa o fim do Renascimento? Significa o fim de toda uma cultura, com característica sensação do universo, cultura que procurou por todas as formas divinizar o homem, dando-lhe a ilusão da liberdade e que teve como trágico epílogo a demonstração evidente da sua miséria.

Há na história do humanismo renacencial tres momentos dialéticos: o primeiro foi o da revolta da inteligência, o segundo o da revolta da vontade, o último o da revolta do instinto: Renascimento, Reforma, Revolução.

A cultura medieval elevara o espírito humano a um dos mais altos cimos que nos é dado conhecer.

Na mística, na arte, na filosofia, o espírito medieval produziu manifestações sublimes. Um S. Francisco de Assis simboliza toda a ternura que um coração humano pôde revelar perante o mistério do Amôr Divino.

Arrastada por uma forte inspiração toda a Europa se cobriu de góticas catedrais, vegetação de eterna beleza.

Dominando todas as perspectivas Santo Tomás d'Aquino representa a mais vasta e grandiosa visão do mundo do espírito medieval.

A cultura medieval ordenára o saber em função do espírito, e a sociedade em função do saber.

No espiritual dominava o Papa, no temporal o Imperador, no intelectual a Universidade.

Ora a ordem cristã medieval feita de distinções e hierarquias e movida interiormente por um puro elan espiritual começou a ser atacada e destruída pelo Renascimento.

Com o Renascimento dá-se a revolta da inteligência contra a disciplina escolástica e o homem procura libertar-se do centro sagrado da vida, da fonte máxima da espiritualidade.

Vem a Reforma e a cisão da Igreja de Lutero destrói a unidade da cristandade, deixando a Europa entregue a um signo fatal.

Mas, não bastava. A Revolução acaba por executar o acto de decapitação. Criou o filosofismo, o religiosismo e o politiquismo, em substituição da filosofia, da religião e da política. E todas as tentativas até hoje realizadas para crearem uma nova ordem humana têm resultado infrutíferas porque o ritmo dos acontecimentos nestes sentido levava tudo.

Os dois últimos desenvolvimentos do humanismo renacencional encontram-se representados nas filosofias de Marx e Nietzsche. Atingiram aqui os seus pontos culminantes.

Mas as ideias de Marx e Nietzsche são já de desespero e de decadência.

Nietzsche é a exaltação e a glorificação do indivíduo tornado objecto ideal da evolução.

Marx é a apologia impossível da colectividade, adentro da qual o indivíduo é apenas um átomo que ao mais pequeno atrito se esmaga.

O Renascimento nascido para a divinização do indivíduo acaba por negar o indivíduo, sacrificando-o completamente ou à espécie ou à sociedade. Em qualquer caso comete a máxima contradição.

O círculo da dialética do Renascimento fica fechado. *Aós assistimos ao fim do Renascimento,*—diz Berdiaeff.

IDEIA E REALIZAÇÃO

Presentemente cabe perguntar: *em que mundo entramos nós?* Será como pensa Berdiaeff, numa nova Idade Média, turbilhonar e caótica para o conhecimento da qual já de nada nos servirão os conceitos modernos? Teremos que procurar uma nova astrologia?

Importa pouco saber se caminhamos para uma nova Idade Média ou para um Renascimento Cristão. Mas o que me parece de maior importância é a refundição da teoria do conhecimento, condição basilar para a criação da nova cultura.

A forma mais alta do conhecimento deve deixar de ser a racional para ser a intuição imediata das essências conforme já hoje correntemente se admite na escola fenomenológica.

Então a imagem do homem surgirá, a imagem cristã do homem.

E o problema da civilização como o da cultura poderão encontrar simultaneamente uma solução duradoura.

Entretanto, é necessário distinguir nitidamente a ordem do pensamento, da ordem da acção; e, se naquela as coisas se passam conforme descrevo, nesta o problema apresenta-se com aspectos absolutamente diferentes.

Na ordem de acção urge firmar em bases sólidas as garantias essenciais e formais da cultura, começando-se com toda a brevidade a fazer a educação directa e prática das personalidades. —É necessário transformar cada personalidade num centro activo creador de valores espirituais, é necessário educar adentro dos seus princípios de independência moral.

Santo Agostinho não hesitava em procurar na filosofia pagã sentenças e ideias que o seu espírito cristão modelava inspiradamente.

Perdoai-me se seguindo o seu exemplo ousou tomar de Nietzsche este lapidar pensamento no qual se encontra uma séria crítica à nossa civilização e ao mesmo tempo se parece indicar um caminho, uma solução:

As nossas concepções sociais do bem e do mal, fracas e efeminadas, a sua enorme preponderância sobre o corpo e a alma, acabaram por enfraquecer todos os corpos e todas as almas e por quebrar os

homens independentes, autónomos, sem preconceitos, os verdadeiros pilares duma civilização forte.

São estes os homens hoje necessários para a defesa da nossa civilização, da civilização cristã, tão ameaçada por todos os lados por uma dupla avalanche de bárbaros: os bárbaros do Oriente, que contra nós apenas respiram ódio e os do Ocidente, da América, bárbaros, igualmente barbaros, embrutecidos por uma inteligência mecânica, que estiola e mata toda a espiritualidade.

Neste Ocidente da Europa nós, portugueses, representamos a verdade cristã, representamos o espírito.

Que em prol do nosso ideal ao mesmo tempo nacional e universal nós saibamos lutar intrépidamente tanto no domínio da inteligência como no da acção para assim honrarmos a memória dos nossos Avós.

